

## **As caras do Morro da Providência: a arte como força movente do cotidiano e do imaginário<sup>1</sup>**

Luana Ribeiro Rodrigues de Medeiros<sup>2</sup>

Richard Gabriel Corrêa da Silva<sup>3</sup>

Maurício Rizzo<sup>4</sup>

Cíntia Sanmartín Fernandes<sup>5</sup>

Eduardo Bianchi<sup>6</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

Considerando a arte como força movente do cotidiano e do imaginário, o presente trabalho tem por objetivo apresentar os desdobramentos da ação “As Caras do Morro da Providência”, fruto de um projeto de extensão iniciado no ano de 2023, no âmbito da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Empregando estratégias teórico-metodológicas que acionam o corpo como lugar de produção de saberes a partir de derivas e deambulações, seguimos as trilhas de investigadoras/es que se debruçaram sobre a potência das experiências artísticas nas transmutações dos sentidos dos espaços urbanos. Desse modo, nos lançamos na experiência da cidade a fim de encontrar e compreender os significados das práticas e lugares a partir do ato de "corpografar" o espaço inserindo o corpo-pesquisador/a nas interações com a cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** arte; cidade; comunicação; corpografia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 –Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 3º. semestre do Curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / FCS-UERJ. Bolsista de extensão no laboratório CAC. e-mail: luanarodrigues0802@gmail.com

<sup>3</sup>Estudante de Graduação, 3º semestre de Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / FCS-UERJ, Iniciação Científica, voluntário no laboratório CAC. e-mail: richardgabriel02002@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante de Graduação, 3º. semestre do Curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / FCS-UERJ, Iniciação Científica, voluntário no laboratório CAC. e-mail: mauriciorizzo2005@gmail.com

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em sociologia política (USFC). Pesquisadora do CNPQ e PROCÊNCIA. Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / FCS-UERJ. Coordenadora do CAC (Laboratório Comunicação, Arte e Cidade) e-mail: cintiasan90@gmail.com

<sup>6</sup> Co-orientador do trabalho. Doutor em Comunicação pela FCS-UERJ. Professor da Universidade Veiga de Almeida - UVA. Pesquisador do CAC (Laboratório Comunicação, Arte e Cidade) da FCS-UERJ, e-mail: eduardo.bianchi.cs@gmail.com

---

## INTRODUÇÃO

O Morro da Providência é considerado a primeira favela do Brasil. A comunidade, que tem uma longa história, começou a ser ocupada na segunda metade do século XIX e, primeiramente, foi chamada de Morro da Favela, em referência a um tipo de arbusto rasteiro conhecido como “favela” que existia em Canudos. Esse termo se popularizou e passou a ser usado para designar as comunidades mais pobres da região. O morro também chegou a abrigar famílias desalojadas de suas moradias no centro da cidade do Rio de Janeiro, no período que ficou conhecido como “Bota Abaixo”, durante a reforma da região proposta por Pereira Passos, prefeito da época, na primeira década do século XX<sup>7</sup>.

A comunidade, apesar de ter testemunhado todo o crescimento da cidade e passar por boa parte do centro, da região do Porto até a Central do Brasil, seus moradores nunca foram contemplados por políticas públicas e muito menos consultados sobre as obras relacionadas ao “Porto Maravilha”.

Cabe lembrar que no Centro da cidade do Rio de Janeiro, em especial na região conhecida como “Pequena África” – onde se insere o Morro da Providência –, o processo de revitalização e revalorização ocorrido em anos recentes foi gerenciado por instituições públicas e privadas (o que aconteceu em várias cidades no Brasil e no mundo) que não levaram em conta as demandas e interesses dos atores locais, os quais seguiram se organizando em rede contra o descaso público e a violência cotidiana. Os atores locais vêm ressignificando este pedaço da cidade, sinalizando a importância da identidade local/nacional no mundo globalizado e mostrando como a cultura pode servir como recurso sociopolítico e econômico.

---

<sup>7</sup> Expressão criada para designar, ao mesmo tempo, o processo de reformas urbanas operado a partir de 1903 no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e o prefeito da cidade à época, Francisco Pereira Passos (1902-1906). Com a expressão, o “Bota-Abaixo”, buscou-se destacar a maneira radical pela qual foi implementado um conjunto de obras públicas que então redefiniram a estrutura urbana da capital federal. Sanear, higienizar, ordenar, demolir, civilizar, foram também as palavras de ordem do prefeito Pereira Passos. Por isso mesmo, cortiços, casas de cômodos, estalagens, velhos casarões, passaram a ser os alvos preferenciais da reforma urbanística que empreendeu ao longo de seu mandato. Um dos objetivos principais dessa reforma era livrar a capital federal da pecha de cidade insalubre, assolada por constantes epidemias de febre amarela, varíola e malária, com sérios prejuízos para a atividade comercial do país. Informações sobre o projeto em:

[https://atlas.fgv.br/verbetes/o-bota-abaixo#:~:text=Express%C3%A3o%20criada%20para%20designar%2C%20ao%20Passos%20\(1902%2D1906\)](https://atlas.fgv.br/verbetes/o-bota-abaixo#:~:text=Express%C3%A3o%20criada%20para%20designar%2C%20ao%20Passos%20(1902%2D1906).). Acesso em: 26 jun. 2024.

---

Nesse contexto, o Projeto Galeria Providência surgiu em 2017 como um espaço de produção e difusão de cultura, com foco principal nas artes visuais, no Morro da Providência. O projeto oferece aos moradores, visitantes e estudantes da rede pública de ensino acesso à memória da Providência e da zona portuária; trabalha para estimular a leitura e ampliar o acervo e acessos à sua biblioteca e promove a valorização da diversidade cultural, fortalecendo o sentimento de pertencimento dos moradores da região e incentivando a construção de redes, identidades e debates. Além de colaborar na construção de políticas públicas de desenvolvimento humano e urbano por meio da arte, promovendo intervenções artísticas na região e construindo em conjunto memórias e projeções para o futuro da comunidade.

Considerando o histórico de atuação do Grupo de Pesquisa e Laboratório Comunicação, Arte e Cidade (CAC) no desenvolvimento de projetos em favelas do Rio de Janeiro, em 2023, nasce uma nova parceria a partir do interesse convergente entre o Projeto Galeria Providência, coordenado por Hugo Oliveira, doutorando do PPGCom-UERJ e pesquisador do Grupo de Pesquisa CAC. A arte como força movente do cotidiano da cidade foi essencial para estabelecer essa conexão e aproximação entre os moradores da comunidade e universidade. Assim, o projeto de extensão “Galeria Providência e Laboratório CAC/FCS: Favela e Universidade juntos na promoção do desenvolvimento humano e urbano por meio da arte” surgiu como uma possibilidade de ampliação de trocas entre comunidades cariocas e universidade tendo objetivo geral trabalhar para diminuir as distâncias e ampliar o compartilhamento entre saberes científicos e cotidianos a partir de ações artísticas coletivas.

A ação “As Caras do Morro da Providência”, tema central deste artigo e fruto da parceria entre o CAC, o Galeria Providência e o Inside Out Project<sup>8</sup>, representa a culminação de um ano de trabalho de extensão dedicado à essa ampliação da interlocução entre a universidade e a comunidade. Através da produção de documentos audiovisuais e da elaboração de uma cartografia social, a parceria busca ampliar a visibilidade dos moradores da Providência, contribuindo para a construção de novas

---

<sup>8</sup> Inside Out é um projeto desenvolvido pelo artista francês JR (pseudônimo), conhecido por seus retratos em preto e branco colados em paredes e muros de muitas cidades pelo mundo. As ações do Inside Out consistem em exibir, em espaços públicos das cidades, retratos em grande escala em preto e branco de membros de comunidades diversas.

---

percepções sobre a região, que se exemplifica nessa intervenção artística, realizada em novembro de 2023, mês da consciência negra e aniversário de 126 anos da comunidade.

Considerando esse o objetivo principal, convidamos, por meio de redes sociais, os moradores da Providência e de seu entorno para participarem de oficinas de entrevista, roteiro, vídeo e edição. Vários moradores se inscreveram para as oficinas, que foram realizadas em junho de 2023, aos sábados, na sede da Galeria Providência. A ideia desses encontros era não só trocarmos conhecimentos técnicos e sobre práticas de pesquisa para a produção da cartografia e do documentário, como também estabelecermos contato mais próximo e nos conhecermos mutuamente. As reuniões foram muito frutíferas e renderam várias ideias sobre como cartografar a Providência, inclusive a ideia de realizar uma intervenção artística na comunidade, com o uso da técnica dos lambe-lambes<sup>9</sup>.

Neste artigo, pretendemos abordar os desdobramentos da ação e os conhecimentos e impressões que tivemos a partir dela, explanando desde o processo de fotografia dos moradores, feito a partir de uma deriva pela comunidade e utilizando da metodologia da “corpografia” (Jacques, 2012; Careri, 2013), até ao dia da colagem dos lambe-lambes e nossas reflexões sobre o significado da ação, o trabalho em conjunto aos moradores e a noção de imaginário (Muller, 2024; Maffesoli, 2001; Durand, 2000).

## **O PROCESSO DE FOTOGRAFIA DOS MORADORES: O MÉTODO “CORPOGRÁFICO”**

“Favela tatuada: artes visuais promovendo identidade, pertencimento e autoestima” - o subtítulo escolhido para a ação de colagem representa em partes o objetivo do projeto de extensão como um todo: entender a importância da arte e da produção de imagens como uma potencialidade comunicativa, capaz de “qualificar” e “reinventar” um território.<sup>10</sup>

O grupo, composto por colaboradores do Galeria Providência e membros do CAC, resolveu fotografar diversos rostos do Morro da Providência, e posteriormente gerar visibilidade ao colá-los nos muros de uma das entradas principais da favela. Em

---

<sup>9</sup> São uma forma de intervenção artística urbana contemporânea colada em postes, muros, portas e viadutos, com o objetivo de transformar o contexto urbano do local e transmitir uma mensagem.

<sup>10</sup> Em entrevistas para o documentário sobre o Morro da Providência, Hugo Oliveira, diretor geral do projeto Galeria Providência e doutorando do CAC, descreveu a criação do Galeria como uma forma de qualificar o território onde vivia, devido à necessidade de ter mais acesso a arte que era produzida ali. O uso dessa palavra específica é a forma como os próprios moradores optaram por descrever.

---

setembro, o laboratório se inscreveu na plataforma Inside Out Project<sup>11</sup>, criada pelo artista francês JR (pseudônimo), que mantém um projeto social na comunidade da Providência desde 2009, em um espaço chamado Casa Amarela. JR é conhecido por seus retratos em preto e branco colados em paredes e muros de muitas cidades pelo mundo. As ações do Inside Out consistem em exibir, em espaços públicos das cidades, retratos em grande escala em preto e branco de membros de comunidades diversas.

É importante sublinhar que a metodologia da “corpografia”, que permeia a atuação do laboratório CAC como um todo, foi fundamental para a execução do processo de fotografia e se baseia na ideia do corpo como um lugar de produção de saberes. A partir das pesquisas de Jacques (2012) e Careri (2013), essa metodologia é utilizada como uma outra forma de desenvolver campos de análise mais amplos no âmbito dos estudos da comunicação, buscando colaborar com uma produção de conhecimento que considera que os sentidos das cidades emergem nas interações sensíveis entre o corpo e o espaço urbano. Nesse sentido, nós, como pesquisadores no Morro da Providência, nos colocamos naquele espaço urbano como agentes que se relacionam com tudo o que faz parte do seu contexto de existência: outros corpos, objetos, ideias, lugares, entre outros. Através de derivas e deambulações (Jacques, 2012), o corpo-pesquisador se torna um explorador, interagindo com os espaços da cidade através do caminhar e da observação lenta, a fim de encontrar e compreender os significados das práticas e lugares, que são comumente deixados de lado em metodologias mais tradicionais.

A elaboração da ação “As caras do Morro da Providência” aconteceu a partir de uma grande deriva pela comunidade, numa Terça-feira, dia 10 de outubro de 2023, dividida em equipes formadas por pesquisadores da Uerj e participantes do Galeria Providência. Esses grupos continham pelo menos um fotógrafo, uma pessoa responsável pelos formulários e pelo painel de fundo das fotos e dois moradores que nos guiaram pelo morro e auxiliaram a encontrar outros moradores que estivessem dispostos a dar um depoimento e tirar foto. Nessas condições, cada grupo adotou sua própria abordagem e dinâmica; em sua maioria, decidimos ouvir as instruções dos moradores e

---

<sup>11</sup> Acesse a plataforma Inside Out e a ação “As Caras do Morro da Providência” Disponível em: >[https://www.insideoutproject.net/pt\\_BR/explore/group-action/as-caras-do-morro-da-providencia](https://www.insideoutproject.net/pt_BR/explore/group-action/as-caras-do-morro-da-providencia)<

---

nos deixar ser guiados pela favela que era pulsante em movimento, conversas e mais do que isso, em relações.

Corpos que nos estranham, crianças brincando com uniforme escolar, trabalhadores, donos de bares, garis, idosos, mães solteiras. Vimos as pessoas se cumprimentando, conversando sobre outros moradores como se fossem família, perguntando uns pelos outros e ao experienciar isso, a meta de fotografar no mínimo 50 pessoas foi se tornando irrelevante à medida que cada retrato se tornava uma história única, uma conversa, uma curiosidade sobre a providência ou até mesmo um elogio a ação e a nossa atitude como pesquisadores. Os atores aproveitaram o espaço de escuta para compartilhar histórias e fazer denúncias, abandonando aqui a noção de um único saber acadêmico e soberano; através da corpografia, o processo de compreensão dos espaços e suas questões se deu a partir de experimentação mútua. Ao “corpografar”, tentamos romper com a relação hierárquica e unilateral do pesquisador e seu objeto de pesquisa, conforme construímos uma relação horizontal em que há compartilhamento de saberes entre ambos, e a criação de novos conhecimentos que são produzidos a partir da experimentação conjunta.

O percurso seguido pelos grupos foi mapeado pelos agentes do Galeria Providência, considerando entrevistas previamente marcadas com pessoas que foram consideradas fundamentais para a comunidade. Eles nos guiaram através de diferentes caminhos, buscando rotas que nos apresentasse ao cotidiano da comunidade e ao mesmo tempo que abrangesse o seu amplo território, assim cada grupo estaria em uma área diferente, coletando experiências diversas.

O ato de produzir esta ação coletivamente se fez presente principalmente no decorrer do dia das fotografias com os moradores. A participação deles foi fundamental não só no que os competiam, mas também na busca por outros rostos para a ação, como por exemplo, quando fomos na Arena Samol, um espaço cultural da região, que abriga desde eventos esportivos a shows e performances artísticas. No local, entrevistamos a auxiliar de limpeza do espaço que além de ter colaborado com a foto e o depoimento, também nos ajudou no recrutamento de outros moradores para a ação. Entre esses, uma senhora que levava a sobrinha para a escola e ao passar pelo local foram convidadas a tirar a foto e prestar o depoimento. De início, a menina que tinha por volta de 11 anos se mostrou tímida com o processo da entrevista, mas foi incentivada pelas outras

---

moradoras. Juntos produzimos uma ação conjunta, rompendo o saber acadêmico como um saber soberano em relação às vivências cotidianas.

Durante o dia das fotografias, deambulamos pela comunidade, corpografando o espaço, como proposto por Paola Jacques (2012) e Careri (2013), ao tratarmos, cada um à sua maneira, o caminhar como potente prática reflexivo-metodológica, inserindo o corpo-pesquisador/a nas interações com a cidade em sua inteireza. No decorrer do percurso, as metas estabelecidas no planejamento da ação - no mínimo 50 rostos devido a exigências da plataforma Inside Out - perderam a relevância diante do encantamento para com o processo de entrevistas e abordagens com os moradores, cada um com suas histórias e visões sobre um mesmo local.

Nessa abordagem, entendemos que precisávamos aderir a uma “sociologia lenta”, desacelerando e redirecionando nosso foco aos detalhes. Entendemos também que o ato de parar compõe o ato de corpografar, assim, o ato de estar parado é um momento de absorver e sentir tudo aquilo que aprendemos enquanto estávamos em movimento. Para nós pesquisadores, isso se deu não só como momento de absorção do que aprendemos, mas como momento de produção de conhecimento e de troca com os moradores. Como abordado por autores como Simmel (1989) e Maffesoli (1988), vislumbramos a Providência como a sedimentação de histórias, experiências sensíveis e projeção de diversos e múltiplos desejos e imaginários (Muller, 2024).

Esse desaceleramento ocorreu, principalmente, através da mudança da atenção à quantidade de rostos que tínhamos que fotografar para o momento de relatos com cada um. Ao mesmo tempo, corpografando alteramos a rotina da comunidade que se viu propensa a também desacelerar em meio a um dia de semana, para colaborar com a ação ou até mesmo a apenas observar o processo.

## **DIA DA COLAGEM NA PROVIDÊNCIA: EXPRESSÕES DE UM IMAGINÁRIO COLETIVO**

“Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado.” – Maffesoli, 2001.

Historicamente, nossa maneira de pensar e nossa realidade são profundamente influenciadas pela presença de imagens (Fernandes et al., 2019). O Galeria Providência em si surge com essa noção, pensando na experiência artística como uma forma de

---

transmutação (Durand; Prat, 2000) da realidade e imaginário da comunidade. Alinhado a isso, os projetos que fazem parte da parceria entre o Galeria e o CAC - como, por exemplo, a colagem dos lambe-lambes com os rostos dos moradores - são experiências que, de certa forma, representam os estudos que fazem parte de uma sociologia do imaginário.

Luana Müller (2024), em sua tese de doutorado, cria um panorama abrangente sobre o estudo do imaginário, percorrendo várias contribuições de diferentes autores. Consolidando a sociologia do imaginário em uma proposta de método científico que nos permite rejeitar ideias positivistas em favor de um percurso sensível, interessado nas imagens simbólicas que habitam nossas mentes, memórias, sensações, impressões e tudo o que permanece no campo imaterial. Nesse sentido, o imaginário atua como um produtor de imagens, símbolos e arquétipos, possibilitando acessar a realidade por caminhos alternativos à razão positivista e seus métodos científicos (Durand; Prat, 2000). Inspirado nas ideias de Maffesoli (2001), o imaginário segue uma linha de raciocínio similar à "aura" previamente discutida por Walter Benjamin (1978), que inclui tanto a materialidade de cada obra de arte quanto sua "aura", a carga mítica e "única" que a transcende. Esse "além" é o cerne da compreensão do imaginário, uma atmosfera que abrange a cultura, transcende o indivíduo e atua como o que Maffesoli define como "cola social". Ao contrário de Durand, Maffesoli enfatiza o imaginário como uma propriedade coletiva, que estabelece vínculo entre pessoas diferentes. Assim, ao colaborarmos coletivamente na Providência, buscamos ativar, criar e alimentar imaginários tanto dos moradores, quanto nossos. Pesquisadores agindo-com, em conjunto na ação proposta coletivamente.

A ação de colagem, finalmente realizada após um mês de preparação, foi resultado do trabalho conjunto entre os pesquisadores do CAC e os moradores da Providência, que dedicaram esforços significativos para ela acontecer. Nosso encontro ocorreu no terraço do 'Bar do Carlinhos', escolhido devido à sua localização privilegiada na entrada da comunidade e à visão completa que oferece para quem caminha vindo da zona portuária da cidade. A imagem de fundo dos lambe-lambes constava com os dizeres "Ainda estou aqui", uma frase impactante que simboliza a mensagem central da ação: mostrar que a comunidade existe e resiste, apesar das dificuldades, e da invisibilidade causada pelo poder público. Isso é particularmente importante pois,



---

naquele momento, os olhos da cidade pareciam estar voltados para aquele ambiente. A inauguração do 'Cais do Valongo' pela prefeitura como parte do circuito histórico da Pequena África<sup>12</sup> havia acontecido ainda no dia anterior, intensificando os sentimentos de todos de fazer a ação se concretizar da melhor forma possível.

O primeiro dia de colagem foi marcado por algumas dificuldades, quanto ao clima (chuvoso, impedindo que a cola funcionasse com eficácia) e complicações com o andaime (a altura não permitia que colássemos todas as fotos). Ademais, a equipe, composta por pesquisadores e moradores, era inexperiente com as técnicas de colagem de lambes, tendo que ter um cuidado maior com os pôsteres para que eles não estragassem, pois além de apenas um papel, representavam também a disposição de cada morador que doou um pouco do seu tempo para tirar a foto e contar suas histórias.

No segundo dia, a equipe retornou mais cedo do que o planejado devido às complicações do dia anterior. No entanto, enfrentando duas novas complicações: a falta de espaço para todos os lambes e o horário marcado para a abertura do mural. Apesar disso, os problemas foram solucionados com o passar do dia, permitindo que concluíssemos a ação de colar um mural na Providência com os rostos dos moradores estampados, contribuindo para criação de uma imagem que, apesar de efêmera fisicamente, é uma construção que se mantém no corpo e no imaginário, de maneira perene.

Pensando na questão da materialidade e alinhando-se ao pensamento de Maffesoli, a ação, apesar de acontecer em uma ordenação não-linear, seguiu-se de maneira cíclica quando pensamos que a imagem criada por todos na providência foi um produto do imaginário coletivo, que surge no campo simbólico a partir dessas ideias compartilhadas, se transforma em material – a manifestação física dos cartazes colados nas paredes- e retorna ao imaterial, transformando-se em uma imagem que é tatuada nos corpos e imaginários. Tanto para nós da equipe, que nos dedicamos a tirar as fotos e a organização, quanto para os moradores, que viram seus rostos sendo representados depois de aceitarem participar.

---

<sup>12</sup> Cais do Valongo é conhecido como principal cais de desembarque de escravizados do continente e foi redescoberto durante as obras da Prefeitura do Rio de revitalização da Região Portuária em 2011. Em 2012, a Prefeitura do Rio aceitou a sugestão do Movimento em Defesa do Direito do Negro e transformou o espaço em monumento preservado e aberto à visitação pública. A inauguração ocorreu no dia 23 de novembro de 2023 e contou com a presença do prefeito da cidade Eduardo Paes.

---

Um desses casos foi o da menina, citada previamente no texto, entrevistada na arena Samol, que foi convidada a tirar a foto e dar o depoimento por outra moradora. A menina, no primeiro dia de colagem, ao passar voltando da escola com outros amigos, viu seu rosto sendo exposto na entrada da comunidade e demonstrou alegria e orgulho em ser representada em meio a outros moradores da Providência. É interessante observar, portanto, essa alteração dos sentimentos proporcionada pelo uso da imagem; naquele momento, a menina pôde se ver como parte representativa da Providência, enfatizando o subtítulo da ação (As Caras do Morro da Providência - Favela tatuada: artes visuais promovendo identidade, pertencimento e autoestima”) e demonstrando a “potencialidade estético-comunicativa” (Fernandes, 2009), o poder comunicativo da imagem em influenciar nossa maneira de pensar e o nosso imaginário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer de toda a ação, desde o seu planejamento, as preparações e, de fato, o dia das colagens, pudemos observar a força das intervenções artísticas coletivas como uma potência comunicativa na cidade e a importância política de ressignificar esses ambientes. A ação surge da proposta dos rostos e corpos “invisíveis” diante do poder público e colaborar com o desenvolvimento local a partir dos dizeres “Ainda estamos aqui”, mostrando que é necessário voltar os olhares para o Morro da Providência.

A Providência é uma comunidade com importância histórica para a cidade do Rio Janeiro, mas que, de maneira frequente, é confrontada com a falta de diálogo entre o poder público e a população local, devido às reformas urbanas no Centro do Rio, que afetam profundamente o cotidiano desses moradores e que trazem à tona o debate da reapropriação desses espaços. A Galeria Providência é um dos atores que tece constantemente essa região, produzindo um emaranhado de sentidos e alterando o ritmo, imaginário e cotidiano daqueles que habitam o território.

Nesse sentido, essa ação foi mais um esforço coletivo que buscou apresentar questões sobre a Providência que não são tão vistas. A metodologia da corpografia, nos permitiu conduzir uma leitura crítica sobre o território, que não envolvesse apenas a narrativa tradicional ou estereótipos, mas um saber que se constrói no corpo, na caminhada e na interação com o outro — nesse caso, os moradores da Providência —,

---

aprendendo a partir daquilo que é real e simbólico, alimentando esses imaginários.

A ação “As Caras do Morro da Providência” faz parte de um projeto de extensão mais extenso, que se seguirá pelo ano de 2024, com o objetivo de finalizar o documentário, a cartografia e mais ações que ainda estão em andamento, sendo as reflexões e resultados trazidos nesse artigo apenas considerações parciais. Essa intervenção artística concluiu-se de maneira que o trabalho colaborativo entre os moradores e a universidade foi essencial para a sua realização. É importante destacar que a diminuição dessas distâncias e a troca entre ambos os grupos é extremamente rica, tanto a nível de ampliação dos saberes, quanto para gerar mais visibilidade ao Morro da Providência e seus moradores. A redução das distâncias entre universidade e comunidade revela-se não apenas enriquecedora em termos de conhecimento compartilhado, mas também essencial para promover uma compreensão mais profunda da realidade local e de sua potencialidade artística e comunicativa.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. “**A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica.**” In: LIMA, Luis Costa. (org). Teoria da cultura de massa, p.205-238. Rio de Janeiro: Saga, 1978.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.
- DURAND, Gilbert; PRAT, Montserrat. **Lo imaginario**. Barcelona: Ediciones del Bronce, 2000.
- FERNANDES, Cíntia S.; LA ROCCA, Fabio; BARROSO, Flavia M. **Beco das Artes: festas, imaginários e ambiências subversivas na cidade do Rio de Janeiro**. REVISTA ECO-PÓS, V. 22, N. 3, 2019.
- FERNANDES, Cíntia S. **Sociabilidade, Comunicação e Política: a experiência estético-comunicativa da Rede MIAC na cidade de Salvador**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. [Entrevista concedida a] Juremir Machado da Silva. Revista Famecos, Porto Alegre, n 15, p. 74 a 81, agosto, 2001.
- MÜLLER, Luana (2024). **Sociabilidade e Desinformação: análise de imaginários sobre as vacinas contra a covid-19 no X (antigo Twitter)** Tese (Doutorado) - PUC-RS.
- SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a Vida dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.